

Exame de consciencia

Que a guerra tem produzido grandes perturbações nas nossas concepções revolucionarias, que as circunstancias nos teem mostrado pontos fracos na nossa propaganda ou no nosso raciocinio, é inegavel. Mas concluir daí, como alguns proclamam, que nos enganámos por completo e que é necessario renovar toda a nossa bagagem de ideias, parece-me excessivo.

Que cometessemos erros na nossa propaganda, que mais duma vez fossemos dominados pela ideia presente, sem contar com as modificações que á nossa primitiva concepção podiam trazer circunstancias diferentes, não nego. Quem pode gabar-se de ver continuamente justo, de ter, nos seus raciocinios, considerado sempre todas as contingencias dum problema? Só o vaidoso pode estar sempre satisfeito de si. Mesmo quando fazemos o melhor que podemos, pensamos que se o fizessemos de outra maneira, podiamos fazer ainda melhor.

Para vir confessar que se está absolutamente enganado, é preciso ser-se dotado duma modestia exemplar, pouco comum. Direi mesmo, anormal. Fazer uma tal confissão, para chamar as coisas pelo seu nome, diz-se «virar a casaca».

Se eu quisesse enumerar tudo o que nós, anarquistas, podiamos ter feito e que não fizemos, todos os casos em que fomos absolutos de mais, todas as coisas que podiamos ter aprendido e que ignoravamos, a lista seria longa, mas indicar-nos-ia que temos de modificar «alguns» dos nossos metodos, o que não implica de modo nenhum que êstes eram todos maus, e ainda muito menos que, se erravamos, por vezes, na maneira de explicar o que sentiamos, não tinhamos razão no fundo.

Assim, por exemplo, andámos mal em deixar aos social-democratas e aos politicos socialistas fazer coisa sua dessa suposta Internacional que êles se vangloriavam de ter reconstituído, em não procurarmos penetrar nela, para tornarmos uma realidade o que não era mais que uma mascarada. Falámos muito de Internacionalismo, mas nada fizemos para o constituir materialmente.

Andámos mal em ser muito absolutos em algumas

das nossas afirmações, não vendo senão o sentido geral, esquecendo os casos particulares, como quando afirmávamos que os trabalhadores nada tinham a perder no caso duma invasão, quando afirmávamos que todos os governos valem o mesmo, que os anarquistas não tinham que escolher entre as armas que deviam ferir.

Emquanto nos conservávamos no campo filosofico ou de ideias gerais, não fazíamos senão emitir uma verdade suficientemente verdadeira. E também quando nos servíamos desse argumento para explicar a nossa abstenção nas lutas eleitorais, a nossa afirmativa era ainda verdadeira.

As transformações que pode trazer a consulta eleitoral, nenhuma importancia tem para quem nega todo o governo. Em tempos ordinarios é a opinião publica que nós devemos procurar conquistar, sem nos inquietarmos com as mudanças do pessoal governamental.

Quando, porém, para apoiar a nossa propaganda anti-militarista, nos servíamos do mesmo argumento, declarando que o trabalhador não tinha nada a perder com a invasão; que, para elle, nenhuma importancia tinha ser explorado por um compatriota ou por um estrangeiro; que, não tendo nada para defender, elle seria muito imbecil em arriscar a pele, nós passávamos um tanto por cima da verdade, impedindo-nos a nossa convicção dos crimes do militarismo e do patriotismo á Déroulède, de ver a fraqueza da argumentação.

Sem dúvida, ser explorado por um compatriota ou por um estrangeiro, é de pouca importancia para o que é explorado. Mas, quando esse estrangeiro é um conquistador, quando ás leis ordinarias veem juntar-se as leis de excepção, quando a opressão politica dum opressor estrangeiro vem reforçar a opressão economica, quando, a estas duas opressões, veem juntar-se as impertinencias, os vexames da burocracia, mais insolente do que de ordinario por se sentir em país vencido, onde nenhuma reclamação se permite contra o vencedor, vexames tanto mais penosos, quanto é impossível resistir-lhes ou subtrair-se-lhes, compreender-se ha que, no fim de contas, existe uma pequena diferença.

Afirmando que o trabalhador não tem nada a perder com a invasão, nós raciocinamos segundo o metodo marxista de que todos nós, quer tenhamos passado quer

não, pela fase marxista, estamos mais ou menos impregnados: «materialismo da historia, luta de classe, luta economica, etc.». O odio ao explorador impedia-nos de ver mais longe. Tinhamos lido, é claro, a historia das invasões e até nos serviamos dela na nossa propaganda anti-militarista, e se nos tivesse vindo á ideia perguntar a nós mesmos, o que fariamos no caso de os nossos governantes ou dominadores nos arrastarem, contra a nossa vontade, a esses horrores, responderíamos: — a revolução, sem prevermos o caso de, sendo a revolução impossivel, podermos, qualquer que fosse a conduta dêles, ter de sofrer os horrores da occupação.

A occupação, pelos alemães, da Belgica e do norte da França, veio ensinar-nos que, por minimas que sejam as posses materiais dum trabalhador, êste pode perder tanto, que se encontre nú como ao começar a vida; por ela ficámos sabendo que, por muito intoleravel que seja o arbitrio do govêrno nacional, êle pode ser excedido, e muito, por um conquistador e que, se era impossivel fazer a revolução para cuidar da propria defesa, nem por isso cada um deixava de ter necessidade de defender-se. E' isto que não compreenderam alguns dos nossos ex-camaradas.

Afinal tinhamos desculpa. Eramos internacionalistas, mas ignoravamos quasi tudo dos outros países. Do verdadeiro espirito na Alemanha e na Inglaterra, não conhecíamos nada. No que diz respeito á Inglaterra, a maior parte dos nossos camaradas, e não sómente os ignorantes, apreciavam-na pelas ideias dominantes no tempo da Restauração.

Quanto á Alemanha, bem sabiamos que os chefes social-democratas eram patriotas, alemães acima de tudo, mas não suspeitavamos que êles pudessem encarar uma politica de aggressão e de conquista, e descontavamos a resistencia da massa social-democrata.

Sabiamos que a politica alemã era invasora, mas vagamente; julgavamos que isto podia ser obra de um partido — não tinhamos nós o Déroulède? — mas sem lhe imaginarmos a acuidade, a extensão, sem darmos fé da vontade, da continuidade, do espirito sistemático com que a respectiva propaganda era conduzida, do metodo com que era dirigida pela diplomacia alemã.

Agora pergunto: se tivéssemos conhecido tudo isto, a nossa propaganda modificar-se-ia muito? Não o creio.



Seria enfraquecer a nossa ameaça de fazer a revolução para deter a guerra, intercalar-lhe a restrição ao caso de agressão da parte dos nossos governantes. De mais a politicos habeis é quasi sempre possível baralhar as cartas e fazer recair sobre a victima as responsabilidades da agressão. Foi precisa toda a infatuação dos soldados alemães, toda a sua crença na invencibilidade, para serem tão ineptos. E ainda agora, apesar de saltar aos olhos que esta guerra foi ruminada, preparada, querida e forçada pelos politicos alemães, apesar da grosseria das suas mentiras, existem, entre os nossos ex-camaradas, alguns que pretendem que a declaração de guerra pela Alemanha não foi senão a consequencia da attitude da França e da Russia, impelida, na sombra, pela «Perfida Albion». Impossível é ter o estalão preciso que delimite onde começa e onde acaba a responsabilidade. Trabalho de apreciação, em que as mais das vezes as ideias laterais teem mais importancia do que os proprios factos.

Tenby, 12-8-1916.

J. GRAVE.

Vozes do Passado

O verdadeiro mecanismo do pensamento é ainda tão mal comprehendido que é impossível determinar-lhe as molas mais fundamentais. Não conhecendo o mecanismo da intelligencia, não podemos afirmar, duma fórmula scientifica e positiva, a que aspecto exterior do cerebro a intelligencia está ligada. Um dos factos apparentes, sôbre os quais sobretudo se tem tentado basear a intelligencia, é o peso do cerebro. Ora, como se tem observado que em média o cerebro da mulher é mais leve que o do homem, decidiu-se perentoriamente que a mulher nos é inferior. Esta decisão implica um tecido de êrros. Ha cerebros femininos mais pesados que cerebros masculinos. Se, pois, a intelligencia estivesse em função com o peso do cerebro, seria preciso reconhecer que certas mulheres são mais intelligentes que certos homens. Ora basta esta constatação para legitimar todas as reivindicações feministas.—*Novicow.*

Estou persuadido de que se os homens são maus, a culpa é das leis. — *Mably.*